

PROCESSOS DE ENSINO, APRENDIZAGEM E CRIAÇÃO EM TEATRO ANTIRRACISTA

PROCESSOS DE ENSINO, APRENDIZAGEM E CRIAÇÃO EM TEATRO ANTIRRACISTA

Jose Jesus Rodrigues da Silva¹

¹Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: je1992silva@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho, que é parte dos resultados obtidos em uma investigação do programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), relata as experiências pedagógicas desenvolvidas em sala de aula por um professor branco, cisgênero e heterossexual que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Juazeiro do Norte-CE. A pesquisa foi realizada com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, utilizando metodologias do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (Teatro Imagem) para promover uma abordagem antirracista no processo de ensino, aprendizagem e criação em Teatro. Para direcionar esse pensamento, diversos autores contribuíram para fundamentar os pensamentos sobre a responsabilidade de todos no combate ao racismo: Licko Turle, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Sílvia Almeida, Abdias do Nascimento, Augusto Boal, Paulo Freire, entre outros. Para isso, todo o desenvolvimento dessas experiências tem como objetivo gerar debates e reflexões sobre a importância do Ensino do Teatro na discussão, reflexão e denúncia do racismo em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de teatro. Antirracismo. Teatro do oprimido.

ABSTRACT: The present work, which is part of the results obtained in an investigation of the Professional Master's Degree in Arts (PROF-ATES), reports the pedagogical experiences developed in the classroom by a white, cisgender and heterosexual teacher who works in the early years of Elementary School in the municipality of Juazeiro do Norte-CE. The research was carried out with a 5th grade class of Elementary School, using methodologies from Augusto Boal's Theater of the Oppressed (Teatro Imagem) to promote an anti-racist approach in the process of teaching, learning and creation in Theater. To direct this thought, several authors contributed to substantiate thoughts about everyone's responsibility in the fight against racism: Licko Turle, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Sílvia Almeida, Abdias do Nascimento, Augusto Boal, Paulo Freire, among others. For this, the entire development of these experiences aims to generate debates and reflections on the importance of Theater Teaching in the discussion, reflection and denunciation of racism in the classroom.

Keywords: Teaching theater. Opposition to racism. Theater of the oppressed.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir tem o objetivo de traçar e alinhar ideias, pensamentos e reflexões deste professor/pesquisador acerca do ensino de Teatro no contexto de sala de aula sob a perspectiva de um professor branco, cisgênero e heterossexual que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que busca adotar uma prática pedagógica que se pretende antirracista.

Diversas inquietações estão relacionadas ao contexto do ensino de Teatro na escola, entre elas, trazer à sala de aula a realidade vivenciada pelo discente, e que muitas vezes não é lida através do senso crítico. Esta realidade diz respeito ao seu contexto social, político e econômico. Desta forma, a prática docente estético-artística deve estar vinculada à realidade dos seus educandos, com o intuito de fazê-los compreender tal realidade, expressarem por meio do Teatro, levando-os à capacidade de transformar quaisquer contextos de opressão.

Diante dessas reflexões, o ensino de Teatro que não dialogue nesse sentido, vai em direção a uma educação “bancária”, na qual o ensino “é um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (Freire, 2017, p. 80). Podemos pensar, por exemplo, no desenvolvimento de determinado processo de encenação inserido em diversos momentos pedagógicos. No caso de trabalhar com a dramaturgia, é necessário, além de decorar o texto dramático, compreender todo o processo artístico até o momento da apresentação final do trabalho. Isto implica dizer que a sua sistematização é condição *sine qua non*, não sendo apenas uma atividade em que os alunos recebam tudo pronto e encenem. É necessário conhecer, vivenciar, experimentar, produzir e criar.

Entendo que a educação escolar, especificamente a Unidade Temática Teatro, deve seguir o caminho contrário à “educação bancária”, buscando a perspectiva “libertadora”, em que o discente já não pode ser visto como um “recipiente” nesse processo. Sendo assim, o ensino de teatro deve dar ênfase “[...] à concepção problematizadora” (Freire, 2017, p. 102), à reflexão da realidade vivenciada pelos alunos e, através dela, se constituir num instrumento de denúncia das disparidades sociais existentes em quaisquer contextos de ensino e aprendizagem.

Para refletir a partir do exposto, tomo como base, por exemplo, o procedimento estético-artístico da contação de histórias, bastante trabalhada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a qual pode ser utilizada como estratégia lúdica em sala de aula no ensino de Teatro. Se tal processo for realizada sem o devido pensamento crítico do docente, apresentando sempre encenações com personagens brancos corre o risco de construirmos no imaginário da criança uma relação negativa com o contexto social no qual ela está inserida, tornando a cultura negra secundária. Isso gera ações preconceituosas e, em alguns casos, gera repulsa a sua ancestralidade. Segundo a professora Eliane dos Santos Cavalleiro:

[...] crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertencem. Em contrapartida, crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, como por exemplo, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo à cor da pele caráter negativo (Cavalheiro, 1998, p. 10).

O (a) professor (a) ao propor uma dramatização (contação de histórias) em uma data comemorativa, sem considerar criticamente a relação desta dramatização com a comunidade que a escola atende, pode gerar no ambiente escolar uma relação de desigualdade e preconceito contra a comunidade negra, reforçando estereótipos negativos e os processos de invisibilização. O aluno negro, muitas vezes, é representado como personagem/ator secundário, subalterno, reproduzindo um sistema colonialista.

No decorrer da escrita desse texto, alguns questionamentos foram surgindo, entre eles, uma pessoa branca pode adentrar nas discussões acerca de raça/racismo em sala de aula? Djamila Ribeiro nos diz que “Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades[...]” (Ribeiro, 2020, p. 108).

Desta forma, ao falar sobre racismo dentro de sala de aula, atrelado ao ensino de teatro, dialogarei a partir do meu “locus social”, contribuindo para a construção de um professor antirracista sob uma perspectiva de decolonialidade.

A discussão feita por Ribeiro sobre o conceito de Lugar de Fala me norteou para entender que “Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar a partir do lugar que ele ocupa” (Ribeiro, 2020, p.82).

Compreendo que o currículo é permeado por relações políticas e econômicas, e que jamais se configura como neutro ou apolítico. Em vista disso, é necessário que a prática docente no ensino de teatro também busque um lado: o do oprimido. O Teatro deve trilhar em uma perspectiva “libertadora”, dando ênfase “[...] à concepção problematizadora” (Freire, 2017, p. 102), constituindo-se assim em um instrumento de denúncia das disparidades sociais existentes em quaisquer contextos de ensino e aprendizagem.

Em seu livro *Ensinando a Transgredir: Educação como Prática da Liberdade*, bell hooks destaca a importância do papel do professor na ruptura de um sistema de

dominação, ressaltando que “nenhuma educação é politicamente neutra” (Hooks, 2017, p. 53). Já Boal nos diz que “nem mesmo Deus no Juízo Final, mantém-se neutro: baseia-se seu julgamento numa tábua de valores” (Boal, 2019, p. 21).

O ensino de teatro na escola não pode ser um recurso que legitime as ideias coloniais, repetindo pensamentos e ações racistas, homofóbicos, machistas, xenofóbicos e/ou encenações em que a branquitude seja tida como padrão estético da sociedade, devido sua sistematização. Não pode servir apenas como mecanismo de conhecimento que finde em si mesmo, permitindo aos envolvidos apenas o ato de apreciar e executar. Isso não! O Teatro deve ser transformador, algo que instigue ao pensar, ao refletir, e que, através dessa reflexão, busque uma maneira de modificação da realidade. Segundo Boal “o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um ensaio da revolução” (Boal, 2021, p. 130).

O processo de ensino, aprendizagem e criação deve buscar, além dos conhecimentos técnicos acerca do Teatro, uma análise crítica da realidade social. Em uma sociedade onde o racismo estrutural e estruturante ainda reina, o ensino de teatro deve ser um dispositivo de denúncia e de construção de um pensamento decolonial.

O trabalho com o Teatro, amparado em práticas pedagógicas antirracistas, deve buscar o caminho da decolonialidade educacional/artística em sala de aula ao proporcionar a construção de um pensamento crítico, analisando a realidade, conhecendo-a sobre a ótica, não do “colonizador”, mas do “colonizado”.

Desta forma, uma das possibilidades da retirada das vendas da neutralidade educacional/racial é o trabalho com o Teatro do Oprimido proposto por Augusto Boal no ensino de teatro. Segundo Boal, “O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos Oprimidos (Boal, 2021, p. 16).

Licko Turle, em direção ao pensamento aqui apresentado, oferece fundamentação conceitual sólida sobre o uso do Teatro nos debates relacionados ao racismo. Ao explorar os impactos positivos da utilização do Teatro-fórum no contexto do espetáculo *O Pregador*, Turle destaca:

[...] é um espetáculo cuja performance artística tem características afrocêntricas. Mesmo utilizando o método teatral, o TO, que não foi desenvolvido pensando, especificamente, na questão étnica. O método de Boal está estruturado de forma a permitir que as diferenças apareçam, sejam realizadas e, principalmente, respeitadas, prevalecendo o discurso do oprimido [...] (Turle, 2014, p. 100-101).

Nessa mesma visão da utilização das técnicas do Teatro do Oprimido

desenvolvidas por Boal, levantando e discutindo as questões raciais na escola, Carolina Angélica Ferreira Netto (2019) e Talita de Oliveira (2019) expõem, em artigo publicado na Revista *TRAVESSIAS*, os impactos positivos obtidos num projeto desenvolvido em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias-RJ, com meninas do 5º ano do Ensino Fundamenta, abordando as questões relacionadas a opressões vividas por esse grupo representativo da comunidade escolar.

Nesse sentido, as autoras afirmam que o Teatro do Oprimido fortalece a formação política e estética de sujeitos que vivenciam essas opressões, buscando com isso a humanização e a superação das opressões, sejam elas de ordem social, política ou ideológica. Elas afirmam que o uso do TO no ensino do teatro busca se constituir em uma “ferramenta para que crianças negras possam acessar uma percepção diferente sobre si mesmas, buscando, assim, a transformação ou desconstrução de estereótipos e de imagens tão negativas e cristalizadas sobre elas mesmas” (Netto; Oliveira, 2019, p. 15).

METODOLOGIA

Ao longo das aulas do Mestrado Profissional em Arte, realizadas no Centro de Artes Reitora Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, na cidade do Crato-CE, o contato com diversas teorias sobre o ensino de teatro me permitiu perceber a possibilidades de trabalhar abordagens teórico-metodológicas no ensino de teatro que não apenas discutam as questões raciais presentes na sociedade (na escola, na igreja, em casa, no comércio, etc.), mas que também promovam a transformação dessa realidade em que estamos inseridos, alunos e professores.

Dentre as abordagens estudadas nas aulas e em participações de eventos acadêmicos, o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, destacou-se como uma metodologia capaz de fomentar essa reflexão crítica, além de apresentar aos alunos o mundo do teatro de forma mais simples, não simplista. No entanto, devido às questões burocráticas do mestrado, às aulas presenciais e às demandas acadêmicas daquele momento específico, não foi possível desenvolver integralmente todos os jogos propostos por Boal.

Diante do tempo limitado para a investigação, optou-se por uma análise criteriosa dos jogos que melhor atendessem aos objetivos da pesquisa. Assim, foram selecionados o Teatro Jornal e o Teatro Imagem para compor o escopo metodológico

das aulas, mas que nesse artigo, nos restringiremos a debater sobre o desenvolvimento das aulas referentes ao Teatro Imagem.

A escolha do Teatro Imagem justifica-se pela proximidade entre a teoria de Boal e a pedagogia de Paulo Freire, o que permitiu que, durante a realização dos jogos teatrais, os alunos, de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental se reconhecessem como oprimidos em uma sociedade racista e elitista.

O desenvolvimento das aulas não se restringiu apenas à execução dos jogos, mas buscou integrar o conhecimento teatral à reflexão crítica sobre as disparidades sociais e as opressões que atingem a população mais pobre desde o processo de colonização do Brasil e que persistem até os dias atuais.

O projeto de pesquisa do qual esse trabalho é fruto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri (URCA), sob o parecer de número 6.694.356. O trabalho realizado pautou-se por dois eixos fundamentais: 1) o contato com os conhecimentos específicos do teatro, por meio do Teatro Imagem; e 2) a ruptura da neutralidade do componente curricular, promovendo a criticidade sobre a realidade social. Desta forma, os conteúdos trabalhados não se esgotariam em sua execução prática, mas serviriam como combustível para a percepção crítica e contínua da realidade.

Esses dois aspectos foram indissociáveis ao longo das 8 aulas ministradas, nas quais os alunos não apenas aprenderam sobre o Teatro Imagem, mas também utilizaram esses conhecimentos para refletir criticamente sobre o racismo e suas manifestações no seu cotidiano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, descrevo como foram desenvolvidos os Jogos Teatrais propostos a partir dos procedimentos do TO, de Boal e as reflexões geradas no debate sobre a perspectiva antirracista na turma de 5º ano “C” da Escola Dom Vicente de Paula Araújo Matos. Os jogos foram trabalhados em diálogo com as teorias desenvolvidas por Abdias do Nascimento, Djamilia Ribeiro, Sílvia Almeida, Bell Hooks, entre outros, a fim consolidar a abordagem pedagógica antirracista, foco da investigação.

É uma tarefa difícil afirmar com veemência que eu, professor Jesus, seria o responsável pelo primeiro contato de uma grande turma dos primeiros anos do Ensino Fundamental do município de Juazeiro do Norte com o ensino de Teatro. Sabemos

que o teatro está permeado nas mais profundas entranhas de nossa sociedade e pode ser constatada por conhecedores do assunto em diversas vivências e ações que nos rodeia no dia a dia. Mas aqui, quando falo em primeiro contato com o ensino de teatro, quero dizer que foi a partir desse momento que os alunos foram despertados a pensar teatro, ver teatro, ler teatro e ser teatro.

Inicialmente, foi feita uma acolhida aos alunos, num total de 19 alunos. Nessa acolhida, foi realizada uma roda de conversa sobre diversos assuntos. Após esse momento receptivo, foi esclarecido aos alunos que aquela aula se tratava de um conjunto de aulas dedicadas à investigação do Mestrado Profissional em Artes que eu estava realizando desde o ano de 2023, lembrando aos alunos algumas informações que foram repassadas no dia que vieram à escola para a assinatura do termo de participação.

Após essa apresentação inicial, foi exposto que as aulas que ali iriam ocorrer eram sobre teatro. Nesse sentido, foram realizados diversos questionamentos sobre o tema, entre eles se já tinham tido aula de Teatro. Por unanimidade, todos os alunos ali presentes disseram que não, que nunca tinham tido aulas de teatro na escola, ou que pelo menos não lembravam. A partir das respostas dos alunos, foi se delineando uma conversa sobre o que é teatro, e a partir de suas respostas, fui apresentando alguns conceitos técnicos, por meio de um projetor holográfico.

Após a apresentação técnica a respeito de conceitos fundamentais sobre teatro, convidei os alunos a vivenciarem teatro, a colocar a mão na massa. De início, a partir da conversa que se seguia, percebi que para alguns alunos, teatro seria algo muito complexo, que precisaria de um grande preparativo: um figurino específico, um cenário deslumbrante, além da necessidade de horas e horas ensaiando um texto.

Nesse momento, informei aos alunos que iríamos desenvolver um jogo teatral, explicando-lhes do que se tratava. Antes de realizar o jogo, propus a realização de um exercício de alongamento, pois iríamos utilizar o nosso corpo, e desta forma, o exercício faria com que não causasse nenhum problema muscular e ainda melhorasse a locomoção.

Paulo Freire nos diz que a educação é um processo no qual o indivíduo necessita utilizá-la como mecanismo de ruptura das disparidades sociais existentes. A educação leva o oprimido a se reconhecer como oprimido, e a partir desse reconhecimento lutar contra essa opressão, tornando-se sujeito com vez e voz na sociedade.

Augusto Boal traz esse pensamento no que diz respeito ao teatro. Para ele, o teatro não é apenas o ato de apreciar ou executar, o teatro deve ser transformador, e desta forma, deve ser utilizado como meio de modificação da sociedade, da realidade do oprimido. Portanto, o jogo que ali seria desenvolvido na aula teria a função de compreender as relações de poder que permeiam a sociedade. Pensando nisso, o jogo teatral trabalhado foi *16 jogos das profissões*, contido no livro *Jogos para atores e não atores* (2008) de Augusto Boal. Todas as profissões escolhidas foram pensadas com o propósito de levantar discussões relacionadas a classe, gênero e raça. Profissões como professor(a), segurança, empregado(a) doméstico(a), entre outras, fizeram parte do acervo de profissões do jogo teatral.

Já no segundo conjunto de aulas (quatro aulas de 55 minutos), totalizando oito aulas, foi iniciado a discursão sobre raça, racismo, preconceito e discriminação racial, fazendo com que os alunos compreendessem seus termos, através de exemplificações de fácil entendimento, e que percebessem tais práticas no seu dia a dia, consigo ou com seus pares, fazendo com que os alunos retirassem a venda da neutralidade das ações racistas que pudessem estar ocorrendo no ambiente escolar, não caracterizando tais ações como uma prática sistemática de *bullying*. Os jogos foram fundamentais para a percepção, denúncia e orientação sobre o racismo no ambiente escolar.

Nesse contexto, utilizei os métodos do Teatro Imagem, com o objetivo de analisar o racismo enraizado em cada um de nós. Essa escolha estava alinhada com uma das habilidades propostas pela BNCC para o ensino fundamental, a qual visa caracterizar e experimentar manifestações culturais diversas. Nesse caso, os jogos teriam uma função que vai além da mera execução e apreciação, eles podem ser uma “arma” contra o racismo. O trabalho com os jogos teatrais numa abordagem antirracista no ensino de teatro permite que os alunos reconheçam e confrontem o racismo presente nas interações sociais.

Nesse segundo conjunto de aulas, iniciamos o debate de maneira incisiva sobre os conceitos de raça, racismo, preconceito e discriminação racial. Esse debate, teve como base teórica para exposição e exemplificação dos conceitos citados anteriormente o livro de Sílvia Almeida, *Racismo Estrutural* (2019). Os conceitos apresentados passaram por uma revisão para que fosse compreendido mais facilmente pelos alunos.

Após o debate sobre os conceitos de raça, racismo, preconceito e discriminação, dei início ao debate mais aprofundado sobre o tema tratado. Nesse momento, após os alunos abordarem alguns casos de racismo divulgados nas mídias sociais, questionei aos mesmos se em algum momento da vida deles, na escola, em casa, ou em outro ambiente de vivência, já tinham passado por algum tipo de agressão.

Antes de prosseguir, gostaria de informar aos leitores como os alunos se autodeclararam em relação a sua cor/raça. No dia do desenvolvimento das aulas referente à investigação, compareceram em sala um total de 18 alunos. Desse total, 3 se declaram preto, 13 se autodeclararam pardos e 2 se autodeclararam brancos. Do total de alunos que se declaram negros, dois deles disseram que já sofreram crime de racismo, ambos relataram que tal fato ocorreu na escola, por colegas da mesma turma em que estudavam. Questionado se os alunos que praticaram o crime eram brancos, a resposta de todos eles para a pergunta foram “Sim”.

Ao aprofundar sobre esses dois casos, questionei aos alunos se esse caso tinha sido relatado aos professores e a gestão da escola. Disseram que sim. No entanto, foi feito apenas uma conversa com os alunos que praticaram tal ato, sem com isso iniciar um trabalho pedagógico sistemático para orientar, punir e coibir ações futuras, fazendo com que as ações racistas continuassem.

Ao solicitar a um dos alunos se queria expor aos colegas as violências sofridas, uma delas preferiu não relatar. Já a segunda aluna quis expor aos colegas. Respeitando as peculiaridades de cada aluno, e os possíveis traumas gerados por essa violência, em nenhum momento foi induzido, forçado ou levado o aluno a um momento vexatório para expor os atos sofrido. Após uma das alunas expor o ocorrido, um outro aluno, que se autodeclarou pardo, quis expor à turma um momento em que presenciou um ato racista na escola em que estudava. Lembrando a quem nos ler, que os atos informados não foram praticados na escola Dom Vicente de Paula Araújo Matos, e sim em escolas que os alunos estudavam anteriormente.

Após o relato dos alunos e as conversas que ali foram se costurando, achei como necessário, de acordo com a proposta do TO, desenvolver cenas curtas das violências relatadas. Em seguida, houve debate sobre as cenas apresentadas. Todas as atividades ali desenvolvidas partiram do Teatro Imagem, sobre o qual, antes de iniciar, apresentei aos alunos o que era, como iríamos desenvolver, e qual o propósito desse tipo de teatro para aquelas aulas. Após detalhar como desenvolveríamos,

expliquei que antes iríamos realizar um exercício de aquecimento, informando que tal exercício era fundamental para o desenvolvimento das cenas que seriam apresentadas. Após o aquecimento, expliquei aos alunos que as situações que iríamos realizar eram as duas situações de violência apresentadas na sala. Uma vivida pela aluna S. e a outra presenciada pelo aluno M.

O desenvolvimento teatral, em nenhum momento, foi imposto aos alunos. Expliquei que iria formar dois grupos, cada um com quatro alunos para representar as cenas, e perguntei quem queria participar daquele processo de análise da realidade, quem queria ser os atores, explicando que o restante dos alunos teria papel primordial na plateia. Com as duas equipes formadas, demos início à montagem da primeira cena.

De acordo com Boal, as cenas serão desenvolvidas em três etapas:

- a) Pede-se aos espectadores esculpirem como escultores um grupo de estátuas, isto é, imagens formadas pelos corpos dos outros participantes e por objetos encontrados no local, que mostrem visualmente um pensamento coletivo, uma opinião generalizada, sobre um tema dado.

E assim foi feito. Uma primeira imagem foi realizada, formada por quatro meninas, representando a primeira agressão sofrida por uma das alunas que não participa da cena. A agressão, segundo a aluna, seria de que em certo momento em que ela e mais três amigas estavam brincando na hora do intervalo, uma delas solicitou às outras que deixassem de brincar com ela, por ser negra.

As alunas, após alguns minutos pensando como iriam montar uma imagem que retratasse essa violência sofrida pela colega, chegaram à seguinte conclusão. Na imagem formada, a aluna que sofre as agressões é excluída da brincadeira e impedida de se divertir junto a seus pares, ficando cerca de um metro distância do restante da turma. O restante forma uma segunda parte da imagem. Todas sentadas com expressões faciais de “deboche”. Após as devidas observações feitas pela plateia, as alunas informaram que tais expressões corporais apresentadas por elas eram uma crítica sobre o que ocorre nesses casos e que, na maioria das vezes, não são tomadas as devidas soluções e a violência volta a ser praticada pelos mesmos agressores.

A segunda parte do jogo teatral é feito da seguinte forma:

- b) Pede-se, desta vez, que os espectadores construam uma imagem ideal, na qual a opressão tenha desaparecido, e que represente a

sociedade que deseja construir, o sonho: imagem no qual os problemas atuais tenham sido superados.

Nesse contexto, após lembrar aos alunos como deveriam proceder na realização da montagem da segunda imagem, os discentes, após refletirem um pouco, construíram a cena que para eles seria ideal. Na imagem, formaram um ambiente escolar no qual todos se respeitassem, que não houvesse nenhum tipo de violência e que as pessoas não fossem definidas pela cor de pele que tem. Para representar esses pensamentos, os alunos montaram uma cena onde todos estavam sentadas perto uma da outra, lendo apenas um livro.

No que se refere à terceira imagem, segundo Boal:

c) Retorna-se à imagem real, e o debate tem início: cada espectador, por sua vez, tem o direito de modificar a estátua real, a fim de mostrar visualmente como será possível, a partir dessa realidade concreta, criar a realidade que desejamos: como será possível passar dessa imagem, que é a realidade atual, àquela outra, a imagem ideal, que é o que desejamos. Constrói-se assim as imagens de transição.

Após lembrar aos alunos como seria o processo de transição da imagem real para ideal, e que cada aluno teria um papel primordial na busca por soluções cabíveis que pudessem concretizar o sonho ali desejado, deu-se início ao diálogo. Inicialmente os alunos foram indagados como seria esse processo de transição da imagem real para a imagem ideal e quais ações poderiam ser feitas. Dois alunos propuseram, cada um com uma ideia, o que deveria ser feito. Um dos alunos que expôs seus pensamentos foi a aluna que sofreu a violência na escola. Ao debaterem, os alunos em comunhão, propuseram que a solução para as ações transitórias da imagem real para imagem ideal deveria ser feita pela aluna que sofreu tal agressão. Após o debate, em nenhum momento impondo aos alunos o que deveria ser feito, questionei a aluna se ela aceitava ser a modeladora da realidade em que ela vivenciou, aceitando tal desafio.

Desta forma, a solução para sair do contexto de violência para a imagem que a turma construiu como a ideal, foi que as alunas que praticaram a violência deveriam se arrepender dos atos cometidos e pedir desculpas a aluna que sofreu a agressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as aulas, observou-se que o racismo, muitas vezes diluído em ações cotidianas, não é percebido como uma violência real. Isso ficou evidente nas cenas criadas pelos alunos, em um conjunto de aula no qual foi trabalhado o Teatro Imagem, nas quais situações racistas eram resolvidas com um simples pedido de desculpas. Essa percepção da realidade revelou a necessidade de aprofundar a discussão sobre o impacto real do racismo na vida dos alunos e as medidas necessárias para enfrentá-lo, não só na escola, mas nos diversos ambientes que frequentamos.

A investigação evidenciou que o ensino de Teatro, pautado em uma perspectiva antirracista, pode contribuir significativamente para a formação crítica dos estudantes, permitindo que reconheçam e enfrentem as estruturas de opressão presentes na sociedade. O Teatro do Oprimido mostrou-se um instrumento eficaz para promover a conscientização sobre as questões raciais e estimular a construção de soluções para problemas reais.

No entanto, a efetivação de uma prática docente antirracista não depende apenas da vontade individual do professor. É necessário um compromisso coletivo do sistema educacional, seja ele de âmbito nacional, estadual ou municipal, que inclua a formação continuada dos professores de Arte, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental que na sua grande maioria possuem formação inicial em Pedagogia, e a revisão dos currículos escolares para incluir de forma explícita e intencional as temáticas relacionadas à história e cultura afro-brasileira e indígena. A articulação entre documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os currículos locais é fundamental para que o racismo seja tratado de forma contundente no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvia. **Racismo Estrutural**. 1. ed. Brasília: Jandaíra, 2020.

BOAL, Augusto. **Jogos Para Atores e Não-Atores**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. 1. ed. São Paulo: Editora34, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 13 maio 2024.

CARINE, Bárbara. **Como Ser um Educador Antirracista**. 2. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CAVALLEIRO, Eliana. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. 1. ed. São Paulo: editora contexto, 2020.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Teatro**: Provocação e Dialogismo. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança, São Paulo, Paz & Terra, 2018**. São Paulo: Editora 34, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. São Paulo: PAZ&TERRA, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: A Educação Como Prática da Liberdade. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KOUDELA, Ingrid; JUNIOR, José. **Léxico de Pedagogia Teatral**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MOURA, Eduardo. **Arte/Educação Decolonial na América Latina**. Cadernos de Estudos Culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 31- 44, jan./jun. 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro Experimental do Negro**: trajetória e reflexões. In.: Estudos Avançados. Vol. 18. N.º 50. São Paulo: 2005, p. 209-224.

NETTO, Carolina; OLIVEIRA, Talita. **Por Uma Educação Antirracista**: Teatro do Oprimido, Letramento Étnico-racial e a Transformação Social de Meninas Negras. In.: Travessias. Vol. 13. N.º 3. Cascavel: 2019, p. 72-89.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Ed. Schawarcz, 2019.

SOARES, João. **MUSICENAFRO**: MÚSICA, TEATRO E IDENTIDADE NEGRA NA SALA DE AULA. 1. Ed. Bela Vista: Giostre, 2022. 162 p.

TURLE, Licko. **Teatro do Oprimido e Negritura**: A Atualização do Teatro-Fórum na Questão Racial. São Paulo: Ed. E-Papers, 2014.